



Data: 20.11.2020

Título: TRABALHO E GINÁSIOS INFETAM MAIS DO QUE RESTAURANTES

Pub: 



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 3;6

TRABALHO E GINÁSIOS INFETAM MAIS DO QUE RESTAURANTES

P6

Área: 287cm²/ 10%

Tiragem: 123.400

Cores: P/B

ID: 6995550

Covid Restaurantes e centros comerciais sem associação a mais casos

Estudo de infeções na região de Lisboa e Vale do Tejo também conclui que universidades não estão entre os locais associados a maior risco de contágio

ISABEL LEIRIA e JOANA ASCENSÃO

ileiria@expresso.imprensa.pt

A frequência de restaurantes e centros comerciais não parece estar associada a uma maior probabilidade de contrair o novo coronavírus, mas a ida aos ginásios ou o trabalho presencial, por oposição ao teletrabalho, sim. Esta é uma das conclusões de um estudo que ainda decorre, mas que foi já parcialmente apresentado na reunião que decorreu quinta-feira no Infarmed e que voltou a juntar especialistas e responsáveis políticos. Henrique de Barros, presidente do Conselho Nacional de Saúde e um dos responsáveis pelo trabalho, explicou que o objetivo era perceber quais os locais que estão mais e menos associados a um aumento de probabilidade de infeção. E as primeiras conclusões podem ser surpreendentes, ainda que o especialista em Saúde Pública ressalve o carácter limitado da análise: incidiu sobre pessoas infetadas na região de Lisboa e Vale do Tejo e num período restrito (outubro).

Os inquéritos incidiram sobre um grupo de cerca de mil pessoas contagiadas e que foi depois comparado com um grupo de controlo, composto por cerca de 800 pessoas que não estavam infetadas. Ambos os grupos foram questionados pelas equipas do

Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto e da Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nova de Lisboa, em colaboração com o Instituto Ricardo Jorge e a ARS Lisboa e Vale do Tejo, sobre se tinham frequentado, nos 14 dias anteriores, ginásios, centros comerciais, restaurantes, local de trabalho ou transportes públicos.

O que os dados permitiram concluir é que, entre os doentes, havia uma frequência mais alta do ginásio e também do local de trabalho (por oposição a quem estava em teletrabalho), bem como a residência em alojamentos mais lotados.

Mas a ida a restaurantes e centros comerciais era mais alta entre quem não teve a doença. Já em relação aos transportes públicos, não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos.

Segundo Henrique Barros, estes dados não querem dizer que a ida ao restaurante protege do contágio, mas apenas que não foi associada a um aumento de infeções.

Outra questão avaliada prende-se com a frequência de universidades e institutos politécnicos e mais uma vez não foi encontrada associação entre estes espaços e um maior risco de infeção. Já outros estudos tinham mostrado que os contágios acontecem fora dos espaços escolares. Aliás, os estudantes e os idosos têm um risco menor de serem infetados do que a população no ativo, assinalou o

especialista em Saúde Pública.

Na mesma reunião, outros especialistas deixaram avisos e alertas sobre a necessidade de “não baixar a guarda” e manter as restrições, pelo menos nos concelhos com maior incidência. De acordo com os números apresentados por Baltazar Nunes, responsável do Departamento de Epidemiologia do Instituto Ricardo Jorge, o indicador que mede o número de reprodução efetivo de casos (quantas pessoas cada infetado contagia, em média) está agora em 1,11 a nível nacional. Este valor, apesar de estar a diminuir muito lentamente desde meados de outubro, mantém-se acima de 1 há 88 dias, o que quer dizer que há três meses que os novos casos crescem de forma sustentada. A incidência é de 6500 casos diários nos últimos cinco dias, um valor seis vezes superior ao registado na primeira onda.

Com esta incidência e descida lenta do R, Manuel Carmo Gomes, professor de epidemiologia na Universidade de Lisboa, que também participou na reunião, estima que o pico de casos ocorra na última semana de novembro, com uma média diária a rondar as 7 mil infeções. Já o pico de mortes poderá acontecer na segunda semana de dezembro, com uma média diária de 95 a 100 óbitos. “Se mantivermos o Rt abaixo de 1 continuamente, a onda desce mesmo. Mas temos de ser firmes” nas medidas, defendeu.

